

O RAP DAS MENINAS

MARIA APARECIDA DA SILVA

Preta chique essa preta e bem linda
Essa preta e muito fina
Preta preta essa preta e correta
Essa preta e mesmo preta
Ela tem trabalho e tem carnaval
Ela e super elegante
Roupa Europa e pixaim Senegal

(Neide Candolina, Caetano Veloso)

Elas estiveram em São Paulo Mar del Plata Rio de Janeiro Nova Iorque e finalmente em Beijing envolvidas no processo de avaliação da década que indubitavelmente contribuiu muito para a rearticulação do movimento feminista brasileiro e para o fortalecimento das relações entre o movimento de mulheres latino americano e caribenho São jovens mulheres pretas, como desejam ser chamadas mulheres negras que com certeza responderiam as assertivas de um famoso misogino aspirante a piloto de *Kart indoor*¹ dizendo que entre Mulher-Fusca e Mulher-Monza ser BMW não nos interessa

Um são famosas outras nem tanto Algumas são radicais no discurso outras são românticas mas todas são conscientes das desigualdades de gênero a superar² São integrantes do movimento Hip-Hop cantoras de um estilo musical denominado *rap* visitador de nossos ouvidos desde a década de 80 constituindo se hoje provavelmente no fenômeno urbano mais característico da década

¹ Referência a moção de repúdio as declarações do historiador Joel Rufino dos Santos comparando mulheres brancas a Monzas e mulheres negras a Fuscas tirada na Conferência Brasileira de Mulheres Rumo a Beijing Rio de Janeiro junho de 1995

² COSTA Tina Gonçalves *Mulheres no Rap Pode Crê!* Ano 1 n 2 São Paulo Geledes Instituto da Mulher Negra agosto/setembro de 1993 O artigo faz uma abordagem abrangente e perspicaz das *rappers* da cidade de São Paulo

São mulheres atentas ao fato de que e cada vez maior a demanda de jovens como prostitutas em todo o mundo posto que os clientes as consideram parceiras hipoteticamente mais seguras e não portadoras do HIV São sabedoras de que circulam poucas informações sobre sexualidade e saúde entre as mulheres jovens de que isto gera problemas físicos e comportamentais

Tal qual Oxum que gentilmente se oferece ao inimigo para preparar lhe a comida e mata-o envenenado ou enfrenta uma espada armada apenas de um espelho e do sol que ilumina sua beleza estas garotas têm a manha a artimanha a malemolência de um samba miudinho para se movimentarem em espaços predominantemente masculinos

Para melhor compreendermos como pensam e se posicionam estas garotas nos utilizaremos de depoimentos fornecidos a nos por três *rappers* paulistanas em 1993 A época essas mulheres lideranças no meio Hip Hop contavam entre 19 e 25 anos Procuramos perceber a vivência dessas jovens enquanto mulheres negras seu entendimento do feminismo o dialogo e o compromisso existentes com as outras mulheres negras as formas de enfrentamento do machismo o posicionamento dentro de sua propria geração bem como certos conflitos intra-geracionais e as ações de afirmação empreendidas pelas *rappers* no meio Hip-Hop

Nosso material de análise sera basicamente aquele fornecido pelas entrevistas ressaltando se novamente que os depoimentos foram dados em 1993 e que o mundo Hip Hop muda como os ipês quando nos damos conta ja são so flores Não nos deteremos na produção musical das entrevistadas procuraremos primordialmente compreender as diferentes vertentes interpretativas e vivências do feminismo representadas por estas três jovens mulheres negras

A despeito de que a organização do movimento de mulheres negras no Brasil seja concomitante ao surgimento das primeiras *rappers* e de que algumas autoras no processo de avaliação da década³ venham afirmando que este movimento foi o setor que mais cresceu numericamente e politicamente no movimento de mulheres de 1985 a 1995 legitimando o e enriquecendo-o em sua diversidade não nos deteremos em analisa-lo por dois motivos basicos Ainda que as mais jovens em tese sejam beneficiarias das experiências anteriores a organização das *rappers* da se de maneira autônoma O cruzamento dos caminhos destes dois grupos compostos por faixas etarias formas de compreensão e encaminhamento diferentes so aconteceu na década de 90 faz-se prudente então que tenhamos mais tempo de discussão conjunta antes de externarmos nossas reflexões acerca dessa interrelação

Ser mulher

Vamos conhecer as meninas com as quais dividiremos o palco As três são negras paulistanas protagonistas de diferentes processos de identificação como mulheres e negras Duas delas são aquilo que o Brasil democrata racial não chamaria de pretas mesmo mas a despeito da hipocrisia reinante elas o são pretas-pretas negras lindas e feras

³ IRACI NILZA e outras *Cadernos Geledes 5 A Mulher Negra na Década a Busca de Autonomia* São Paulo Geledes Instituto da Mulher Negra junho de 1995

Sharylaine liderava um grupo de dois garotos (dançarinos) e uma DJ (especime raro no Brasil) que posteriormente modificou-se muito. O grupo trata de questões mais gerais em seu trabalho (política, criança, negros e racismo). Laine como é chamada no meio acredita que não adianta os homens e mulheres ficarem se degladiando, eles precisam se unir para derrotar o inimigo (o racismo). Enfatiza a preocupação com a profissionalização de seu trabalho, mostra-se mais politizada quando fala das questões gerais, expressa um certo temor de que ao definir-se feminista possa encurralar-se ou ser encurralada em um gueto. O *rap* é parte fundamental da vida de Laine, segundo suas declarações, e como comer, andar, vestir.

MC Regina começou a carreira sozinha aos 13 anos. Pulou a janela enquanto os pais dormiam para ir cantar, três anos mais tarde formou um grupo, Vive e atua na zona sul de São Paulo, lugar de sombras, desovas. Suas letras refletem a dura realidade da região onde vive, além de criticar os problemas nacionais, a violência, o racismo, a miséria e as condições precárias de vida experimentadas pela população brasileira. É extremamente feminista em sua ação, entretanto não apresenta nenhuma preocupação conceitual, só sabe que é uma leoa e precisa lutar. O *rap* para ela funciona como um desabafo. Pensa que se apenas conversas se sobre os temas que a inquietam, as pessoas não lhe dariam atenção, precisa cantar para que possamos ouvi-la. Foi líder de uma **posse**⁴ que já chegou a integrar 42 grupos, cerca de 250 pessoas, oito mulheres apenas.

Chris declara se f-e m-i-n-i-s-t-a. Conheceu o *rap* nos bailes, como todo mundo, mas o interesse pela carreira foi despertado aos 16 anos quando assistiu a um vídeo das afro-americanas Salt N Pepa. Em sua opinião, as garotas desta banda são verdadeiramente feministas, embora não esteja certa se se auto-rotulam assim. Por ora, tem certeza de que são lutadoras e empunham uma bandeira que diz: mulher, sou bem mais. Defende intransigentemente os direitos das mulheres e prega a não submissão aos homens. Seu grupo sempre foi exclusivamente feminino. Desde pequenina tem consciência racial e de gênero. Em casa a mãe dizia: tomem cuidado, porque vocês são pretos, e a ela acrescentava: além de preta, você é mulher. Participou de todo o processo preparatório para a conferência de Beijing e foi selecionada pela articulação nacional das mulheres pro-Beijing, como representante oficial das jovens brasileiras neste evento.

Feitas as apresentações, vejamos como cada uma deparou-se primeiramente com as desigualdades de gênero. Sharylaine sentiu o tratamento desigual quando começou a impulsionar sua carreira. Conta que quando havia testes em bailes, com o objetivo de selecionar grupos para apresentações, geralmente seu grupo, composto então por duas mulheres nas funções principais, MC e DJ, era testado duas vezes para provar que realmente era bom. Queixa-se de que a cada 10 discos, solo de grupos masculinos, apenas um ou nem isso, e de *rappers* femininas. Entretanto, enquanto *raper* e mulher, parece não compreender bem a própria responsabilidade de intervenção e enfrentamento. Afirma, por exemplo, que as vezes a gente tem que ouvir o jeito que o homem fala da mulher e tem de ficar quieta, coisas do tipo, a mulher não presta, a mulher é vagabunda, mas é aquela

⁴ Posse é um conjunto de bandas de *rap* que possui componentes musicais e de organizações social

não e a gente e a gente tem de aceitar porque ele está falando daquela ele não tá falando naquele momento de você. Conclui que isto acontece devido a cumplicidade milenar dos homens e a contribuição das mulheres na criação dos filhos já que todas as mulheres são ou serão mães e responsabilidade delas terem educado os filhos para que sejam assim.

Regina lembra que depois de um concurso de grupos de *rap* do qual sagrou-se campeã passaram a respeitá-la mas isto não a eximiu de receber críticas negativas, vaias e tratamentos humilhantes por parte dos homens pelo simples fato de ser mulher. Numa referência aos baileiros (donos produtores de bailes) que tentam transformar as *rappers* em vitrines afirma que não gosta de cantar *rap* usando roupas curtas indecentes se os homens tiverem de aplaudir-la devem fazê-lo pelo seu trabalho não pela exposição de seu corpo. Declara já ter visto cantoras boas que não ganharam concursos porque apresentaram-se de calças jeans tênis e camiseta. Já viu também o contrário: péssimas cantoras que gravaram faixas em discos e ganharam concursos porque usaram saias curtas e decotes e além disso provavelmente cederam aos amáveis dos donos de bailes. Outra *rapper* Chris é adepta das roupas sensuais e acha que as mulheres devem se impor e exigir respeito pelo trabalho têm direito a vestirem-se como quiserem. Regina preocupa-se em cantar músicas que denunciem a situação das jovens prostituídas na região sul de São Paulo que não o fazem por opção mas por falta de outra oportunidade de trabalho.

Chris a princípio não pensava numa condição feminina coletiva apenas não permitia que os homens montassem nela. Entretanto imitando os *rappers* norte-americanos os brasileiros começaram a fazer músicas que depreciavam a imagem das mulheres chamando-as de vacas, cadelas, garotas sem-vergonha, mulheres vulgares, galinhas e piranhas. Nossa heroína viu-se obrigada a compor músicas que rebatessem esse tipo de xingamento que criassem uma imagem digna das mulheres que as valorizasse e despertasse no público feminino o espírito crítico em relação aquelas letras cantadas pelos grupos masculinos.

Quando começou a identificar-se como feminista Chris não sabia exatamente o significado do termo porque de acordo com ela é introjetado em nossas mentes que feministas são mulheres mal amadas, homossexuais etc. Era comum ouvir nos bailes onde se apresentava desce daí sapatão. Chris ainda parece não ter ultrapassado a magoa de ter sido agredida como sapatão e compreensível que as *straight girls* sintam-se duplamente agredidas pela violência do xingamento e pela injustiça do mesmo. Chris ainda não entendeu por completo que ser lesbica e uma das orientações possíveis da vida das mulheres e a estigmatização dessa escolha também deve ser combatida aguerridamente.

Além da madrinha que criou os filhos e os netos e de Beth Carvalho Chris tem como exemplo de mulher D Ivone Lara que diga-se de passagem durante muito tempo não assinou suas próprias composições posto que da lógica dos sambistas mulheres não compunham samba.

Quando indagadas sobre possíveis distinções entre mulheres brancas e negras Regina afirmou que as mulheres negras têm mais força pra lutar são mais fortes e resistentes. Chris concordou e complexificou o discurso a principal

diferença esta na luta na garra quando explodiu o movimento feminista a mulher branca saiu as ruas para reivindicar o direito de trabalhar fora a mulher preta não foi porque ela ja fazia isso ela sempre trabalhou fora

Nestas declarações percebeu-se que estas jovens mulheres negras têm consciência de que o mito da fragilidade feminina que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens não se aplica as mulheres negras⁵

Feminismo - discurso e pratica

No que tange a compreensão do feminismo as visões de Sharylaine e Chris são conflitantes esta intitula-se feminista aquela feminina No entanto se entendermos o feminismo como uma filosofia universal que considera a existência especifica de uma opressão as mulheres ambas são feministas posto que partilham dessa consciência Neste sentido a quase totalidade das *rappers* e feminista mesmo as que evitam o rotulo e aquelas que temem a radicalidade do discurso mas transgridem na ação diriamos que e so um jeito de corpo cada uma tem o seu e uma não precisa acompanhar a outra

Para Laine o feminismo e como o machismo as mulheres lutam por espaços mas as pessoas confundem a gente pode ser feminista para fazer tudo mas a gente tambem quer um cavalheiro do nosso lado cada pessoa expressa de uma forma não tenho definição do feminismo eu tenho definição do machismo porque eu fui criada de uma forma machista de não poder fazer muitas coisas do meu irmão poder fazer muitas coisas Eu acho que a mulher não pode sempre se fazer de vitima isto e ser feminista não e? So que tem determinadas coisas que eu não concordo ou talvez não estejam transparentes para mim eu acho que a mulher pode ser feminista e pode ser feminina tambem

Para Chris ser feminista e lutar por aquilo que você acha que e correto não deixar que uma mulher seja subestimada lutar por direitos iguais entre homens e mulheres conquistar um espaço que nos perdemos isto e que nos nunca tivemos na verdade ser feminista não e ser contra os homens nossa luta e contra a sociedade que criou esse padrão machista

As rappers e o publico feminino

E a relação das nossas garotas com o publico feminino? Como se posicionam? Que tipo de reação despertam? Como avaliam este dialogo? As respostas oscilaram da contradição explicita de quem tem postura feminista mas teme o rotulo de membro do Clube da Luluzinha (acrescido da provavel diminuição e desprofissionalização do trabalho geradas por este perfencimento) a certeza das que empreendem uma ação feminista mas não se preocupam em nomina-la ou mesmo daquelas que querem dar nome ao que fazem

Laine afirma que a partir do momento em que fez uma musica que fala

⁵ CARNEIRO Sueli Identidade Feminina *Cadernos Geledes 4* Mulher Negra São Paulo Geledes Instituto da Mulher Negra novembro de 1993

da problemática da mulher negra esta apta a comentar sobre as reações do publico feminino. As percepções sobre o papel da mulher são mais otimistas quando se trata da possibilidade de a mulher conduzir os destinos do mundo. Entretanto Laine mostra-se tímida e confusa quando o assunto é tomar nas mãos as rédeas do proprio destino. Acho que não é porque eu sou mulher que eu tenho que falar também sobre o problema da mulher. Já tem muitas mulheres fazendo isso. eu acho que a gente está se colocando e a gente falar de igual para igual não adianta só a gente estar falando dos nossos problemas quando tem um monte de outras coisas que a gente tem que se preocupar enquanto mulher. acho que muitas coisas que têm acontecido mundialmente seriam diferentes se a mulher tivesse um espaço maior pra falar pra se impor pra se colocar.

Regina por sua vez preocupa-se especialmente em incentivar meninas que estão começando. demonstra consciência do papel exemplar que representa para as mulheres. parece cultivar uma relação fraterna com as plateias femininas. as meninas agitam demais quando eu canto. nunca fui variada por mulheres. elas sempre vêm falar comigo no final dos shows muito mais do que os homens. me abraçam elogiam. na minha posse as garotas se aproximam de mim pedem ajuda pra escrever letras. eu ajudo ensino tudo que eu sei. quando eu vejo um grupo feminino no palco vibro muito. faço o maximo que eu posso pra ajudar a pessoa a se sentir mais segura.

Chris afirma que no principio a reação das garotas ao seu trabalho era meio contraditória. muitas pensavam que nos estávamos lá pra tomar o lugar delas ou pra ser mais que elas. mas nos estávamos lá pra tentar ajudar. muitos grupos surgiram depois do nosso então creio que há uma boa aceitação. Chris apresenta em seu trabalho uma preocupação de que as mulheres negras tenham auto-estima porque a partir desta conquista deixarão de aplaudir fazer coro e comprar discos de garotos que as chamam de vacas, galinhas, cadelas e quetais.

Rappers x rappers

Feministas ou não o gênero masculino oprime a todas. Praticamente todos os *rappers* sabem no minimo uma piadinha sobre mulheres menstruadas. são cruéis na critica ao trabalho das mulheres e alguns sabotam os equipamentos das meninas apenas para testa-las. como veremos nos depoimentos.

Para garantir sua supremacia os *rappers* inventam uma superproteção para as *rappers*. segundo eles garotas não deveriam andar sozinhas a noite ou mesmo carregar pesadas caixas de discos. Estes garotos que chegam até a ornamentar suas letras com parcos exemplos de mulheres negras as quais consideram dignas de aplauso não as conhecem em profundidade. tampouco reconhecem nas *rappers* similaridades com aquelas. Clementina de Jesus é um exemplo. A Rainha Kele é enaltecida por sua voz maravilhosa. entretanto seu canto e sua voz foram descobertos enquanto lavava roupas. seu oficio primeiro e antes de lava las subia o morro carregando latas d'agua na cabeça. Há mais que poesia no trabalho braçal. há a necessidade da força para a sobrevivência e a Clementina e as *rappers* mais uma vez o mito da fragilidade feminina não se aplica.

Sharylaine exemplifica uma situação de sabotagem ocorrida com sua DJ. Já aconteceu de um DJ de outro grupo mexer em nossa *pick-up* tirando uma peça ou desligando o equipamento. Já desligaram o *mixer* e depois diziam como se não fosse nada. Isso é pra você ficar esperta.

Chris destaca o fato de, na relação de trabalho, os homens se arvorarem a decidir como as mulheres devem se vestir e se comportar. Os *rappers* já aconselharam a ela e a outras companheiras que fossem cantar na pia e fazer *squash* no tanque. O *squash* é um movimento no qual o DJ roda o disco para frente e para trás gerando atrito, o som daí originado geralmente é superposto a outra música mais ritmada. O refinamento machista de correlacionar o *squash* ao movimento de quem lava roupas no tanque ganha aqui plenitude. Outros enfrentamentos desagradáveis e desrespeitosos ocorreram em uma atividade na qual integrantes de grupos de *rap* da cidade de São Paulo iam às escolas públicas municipais para discutirem o conteúdo de seus trabalhos com o estudentado⁶. Vários integrantes do Projeto *Rappers de Geledes*⁷ participaram desta atividade. Chris foi uma delas e relembra sua intervenção no projeto: a minha participação veio depois de muitas brigas, discussões, quebra-paus mesmo, porque os garotos não queriam que eu participasse. Alguns perguntavam o que uma mulher iria fazer numa escola com eles. Ia iriam discutir sobre o povo preto e não sobre mulher, sobre menstruação, sobre esse assunto falavam na cozinha de suas casas. Eu observava mais que falava. Minha participação se dava quando tinha alguma pergunta sobre aborto, gravidez na adolescência ou outro assunto mais relacionado à mulher.

Chris e Regina concordam que é muito mais fácil para as mulheres serem *breakers* aplaudidas (dançarinas de *break*) do que *rappers* respeitadas. Há diferenças substanciais de tratamento entre as *breakers* e os *rappers*. As primeiras, em muitas situações, usam roupas de lycra que destacam as formas. Arrancam assobios, aplausos e cantadas da macharada que as observa, independentemente da *performance*, e há uma definição velada de que as meninas devem vestir-se daquela forma. Aos meninos, aplaude-se exclusivamente pela radicalidade e perfeição dos movimentos⁸. Outra possibilidade interpretativa, de acordo com Tina Costa⁹ e a seguinte: com as dançarinas, os *rappers* não correm o risco de terem suas posturas de machões arranhadas, já que elas ficam sempre de boca fechada, o que não é o caso das temíveis Mcs.

Numa conversa sobre relações afetivas no mundo Hip Hop, ouvimos de um *rapper*: minha mina não fica falada. Dentro dos intrincados códigos afetivos deles (quando lidos por uma pre-balzaquiana) fica falada a garota que já

⁶ Projeto *Rap* - Ensando a Educação, realizado no ano de 1991 pela Assessoria Técnica de Planejamento do Gabinete da Secretaria Municipal de Educação e pelos Núcleos de Ação Educativa (NAEs).

⁷ O Projeto *Rappers* é desenvolvido pelo Programa de Direitos Humanos e Igualdade Racial do Geledes Instituto da Mulher Negra, desde 1991. É composto por 10 bandas de *rap* (homens e mulheres entre 18 e 25 anos), totalizando 70 jovens que articulam o conjunto do movimento Hip Hop e seu público.

⁸ Uma mostra de homens e mulheres dançando *break* pode ser vista no vídeo I Mostra Nacional de Hip Hop produzido pelo Geledes Instituto da Mulher Negra.

⁹ COSTA, Tina, op. cit.

curtiu ficou e/ou namorou muito Nestes casos rege a norma que os garotos as coloquem do jeito deles o que significa mais ou menos deixar de frequentar os *points* dos *rappers* sair apenas quando acompanhadas pelo macho para lugares discretos e com roupas também discretas obviamente

Na contenda *rappers* x *rappers* as meninas viram-se obrigadas a reagir as letras machistas que vomitam coisas como a insolita loira burra ou como os não menos insolitos trechos de outras musicas versando sobre prostitutas ou sobre modelos de revistas masculinas A reação veio na discussão com os autores destas musicas e na sensibilização do publico feminino para o absurdo de cantarem tais obras As respostas dos dois setores *rappers* autores de musicas machistas e publico feminino ainda não são satisfatorias Ainda que haja alguns progressos relativos a produção masculina verificados numa retração do discurso machista face a critica e a resistência das mulheres as praticas cotidianas permanecem inalteradas Por outro lado as garotas são ainda muito refratarias ao posicionamento aberto de autodefesa preservação e exigência de respeito por parte dos garotos Algumas iniciativas como o Projeto Femini Rappers¹⁰ e o surgimento de novas cantoras com discurso feminista¹¹ têm proposto a mudança destes paradigmas

Alem dos conflitos vivenciados com os companheiros *rappers* ha tam bem aqueles experimentados com os setores brancos da juventude brasileira conflitos raciais e de classe Muito se tem fotografado daquilo que se considera a juventude negra infratora a angustia dos arrastões o desespero dos divertimentos fatais pouco se tem ouvido dos gritos ensurdecidamente dolorosos dessa população marginalizada ou dos porta-vozes dessas dores O proximo topico e um exercicio de audição

Não somos *teens*, não fomos “caras pintadas”

O movimento pro *impeachment* do presidente Fernando Collor em 1992 destacou a participação dos jovens no exercicio de sua cidadania como não se vira sequer no movimento das diretas em 1984 ou na primeira eleição direta para a Presidência da Republica em 1989 Mas em meio a tantos rostos festivos felizes e bem alimentados onde e que estavam as caras pretas? Sera que como de habito fomos simplesmente invisibilizados? Sera que não nos identificamos com os caras pintadas por não sermos caras palidas ?

Articulamos três tentativas de explicação para a ausência do maior setor da juventude brasileira no movimento pro *impeachment* 1) havia alguns (as) negros (as) presentes mas não foram focalizados (as) não eram o rosto *teen* que o olhar

¹⁰ O Projeto Femini Rappers surgiu dentro do Projeto Rappers do Geledes Instituto da Mulher Negra visando estimular as jovens negras a reflexão sobre genero e raça e a produção de atitudes criticas em relação ao machismo e ao racismo

¹¹ Em finais de 1993 surgiu na cidade Sao Paulo o grupo feminista de rap Tese Real composto por três mulheres negras e uma branca Elas tem se constituído numa especie de ombudswomen do movimento Hip Hop Gozam do poder da lingua sao as paladinhas do feminismo estao prontas para responder a qualquer ataque em qualquer hora e lugar são poderosissimas os machos de plantao que se cuidem

brasileiro europeizado procura 2) as(os) jovens negras (os) de fato não estavam presentes talvez estivessem nas periferias sem dinheiro para a condução talvez estivessem se queimando como combustível da locomotiva do país talvez estivessem surfando (nos trens) talvez estivessem morrendo vítimas de balas perdidas ou de balas direcionadas 3) talvez as(os) jovens negras(os) mais politizadas(os) tenham optado pela não participação nas manifestações pro-*impeachment* pelo menos pintando o rosto afinal já trazemos talhadas na alma as marcas de guerras seculares de libertação Provavelmente estas garotas e garotos tivessem também a consciência de que a discussão sobre a maioridade penal travada a época (1992/93) tinha dois significados para os *teens* os caras pintadas significava a antecipação da carteira de motorista em dois anos para os negros significava a ida para a cadeia mais cedo

As entrevistadas são unânimes em não se definirem como caras pintadas e em não identificarem a juventude negra (politizada ou não) com aquele movimento protagonizado por universitários e secundaristas de classe média Durante o primeiro ano do governo Collor enquanto pais e mães abastados angustiavam-se com a necessidade de trocar a Escola privada dos filhos pela Escola pública de qualidade inferior pais e mães negros preocupavam-se (e preocupam-se) em arranjar emprego para os filhos adolescentes que venha a somar no orçamento doméstico Não somos *teens* portanto não fomos caras pintadas Vejamos as opiniões de nossas meninas sobre os caras pintadas

Achei um negócio meio não sei foi tudo uma burguesada cadê a negrada? Cadê as caras pretas pintadas? E quando vê e tudo da USP do Equipe então foi mais um íbope pros brancos mesmo tudo bem foi legal o *impeachment* foi uma marca boa nos fomos lá mas não apareceram nossas caras Por que não fazer um trabalho que mostrasse todas as caras? Vamos colocar todas as caras (Regina)

Achei legal apesar deles não saberem o que estavam fazendo lá Acho que faltou consciência política dos negros que estão na periferia e são a maioria faltou a presença deles lá porque aqueles *playboys* não sabiam o que estavam fazendo eles estavam pulando carnaval tavam gritando tavam numa festa não havia aula não havia nada tava tudo joia todo mundo na rua todo mundo aparecendo na televisão so que eles não passam pelos problemas que o sistema lá de cima cria o Collor era so uma parte Eles não passam pelos problemas dos negros que não estavam lá a vida deles e outra Eles fazem passeata enquanto os pais pagam a escola deles e dão dinheiro pro refrigerante sanduiche agua de coco e pras tintas do rosto Não são aquele cara que mora na periferia bem distante que trabalha tem de pagar sua propria escola e ainda ajudar em casa (Laine)

Quase não vi os negros não me sinto uma 'cara pintada' aquilo foi bonitinho legal mas não eram os pretos que estavam lá eu vi muitos brancos e uma grande maioria da elite eles tavam reivindicando porque todo mundo tava pintaram a cara porque todo mundo pintou era um espaço de paquera de flerte com os belos olhos do Lindberg eu pinte o rosto mas tirei na hora porque não dava mesmo com a pintura eu não me senti uma cara pintada (Chris)

O documento produzido pelas mulheres jovens na Prepcon de Mar del Plata afirma que as mulheres jovens têm dificuldade de falar sobre sua identidade própria pelo fato de não estarem acostumadas a trabalhar assumindo políticas próprias. Acresça-se a isso o fato de que o movimento feminista vem tendo uma prática adultocêntrica por não considerar características e situações comuns que condicionam a especificidade de ser mulher jovem e também a função desse segmento da sociedade.¹² Há que se abrir olhos e ouvidos para o que as garotas estão dizendo: garotas que mesmo quando não se intitulam feministas encaram como pressuposto da mulher moderna uma série de conquistas do feminismo como pudemos ver em alguns trechos contraditórios das entrevistas.

O movimento Hip Hop floresce como os ipês. As vezes tão rápido que perdemos o tempo, o compasso, mas é um alento saber que há ipês que florescem no inverno. Laine, a feminina, lidera hoje o maior grupo de moças de rap da cidade de São Paulo, provavelmente do Brasil, a própria como vocalista, uma DJ, quatro *backs* vocais e duas dançarinas. Demanda do mercado? Mas o mercado continua tratando com desprezo as *rappers* e seu trabalho. Achamos que é questão de foro íntimo, mudança interna profunda que se expressa na nova composição do grupo.

O Feminí Rappers tem forçado o surgimento de um *rapper* novo. As meninas vigiam diuturnamente a fala e a produção dos garotos no interior do Projeto Rappers, têm também uma produção própria que se afirma e conquista espaço. Apesar de os integrantes do Projeto Rappers terem decodificado e absorvido o que é o Geledes Instituto da Mulher Negra, uma organização criada e dirigida exclusivamente por mulheres negras, que os recebeu de braços abertos tentando sensibilizá-los para as desigualdades de gênero e convencê-los de suas responsabilidades para superá-las,¹³ a fiscalização e o convívio com as *rappers* do Feminí são fundamentais. Também os *rappers* que não participam do Projeto, incluindo-se aí os nacionalmente afamados, não têm mais coragem de decantar em versos as posturas machistas que ainda reproduzem no dia a dia. Resta ao público feminino compreender o que significa fazer coro a estes senhores no calor dos bailes, momento em que veiculam os antigos sucessos. O Feminí não pode parar um instante.

E nos sem elas, nossas Nerdes Candolinas paulistanas? Sem elas perdemos uma das possibilidades de ressemantizar o feminismo nestas terras de Palmares, onde gorjeiam tantos e diversos sabias.

¹² Documento del Grupo de Mujeres Jovenes. Foro de Ongs de America Latina y El Caribe Hacia la Cumbre de Beijing de 1995. Mar del Plata, setembro de 1994. mimeo.

¹³ Qualquer pessoa que participe das manifestações do 8 de março na cidade de São Paulo, de 1992 para cá, terá a grata surpresa de encontrar vários jovens negros que ali estão por entenderem suas responsabilidades na superação das desigualdades.